



registros

A menininha caminha a passos leves, com os braços abertos e cruza uma das telas, vira-se para a mãe e abre um sorriso; um rapaz vestindo camisa pólo vermelha passa ao lado das estruturas e parece nem tê-las percebido; um senhor que aparenta estar na casa dos sessenta passa entre a cabine de tecido preto e as telas, pára e volta para dar uma espiada no vídeo projetado dentro da mesma; um casal caminha de mãos dadas cada um atravessa uma tela diferente como se fossem uma brincadeira; um garoto que aparenta ter a minha idade contempla do outro lado da rua as projeções dentro da cabine preta; dezenas de pessoas passam pela frente do projetor e recebem em seus corpos imagens de seus próprios cotidianos.

A experiência de transportar esta instalação ao centro-local para onde fora projetada - traz a possibilidade de confrontar sua idealização com a sua realidade. E neste confronto, qualquer expectativa é transmutada em algo que, longe de ser originário de suposições, é o resultado de uma intervenção na realidade urbana e está sujeito às mais divergentes interpretações por parte dos cidadãos.

Creio que se o objetivo era a imersão dos cidadãos e, assim, gerar interpretações pessoais sobre o cotidiano da cidade visto por um outro, a experiência se mostrou muito interessante e rica. A disposição dos elementos físicos somados às projeções e aos sons, mesmo que tenham sofrido com o vento, criaram esta espécie de ambientação que imergia os cidadãos em um espaço no qual eles não eram mais apenas passantes e espectadores, mas criadores de significados.

Evidentemente, nem todos que no ensaio imergiram demonstraram explicitamente interesse ou curiosidade, entretanto, certamente o notaram e, mesmo que não tenham desviado seus olhares fixos para as imagens em movimento (no tempo e ao vento, já que este contribuiu para que as telas criassem um efeito bastante dinâmico), os sons sobrepostos de situações cotidianas muito provavelmente os fizeram pensar em suas próprias vivências no centro da cidade.

Entretanto, não pude deixar de sentir uma grande felicidade quando as pessoas se detinham por mais tempo assistindo aos vídeos, ou passavam sem receio através das imagens projetadas nas telas, ou ainda quando vinham perguntar a respeito do trabalho e falar suas interpretações sobre a instalação. De certo modo, nestes casos parecia efetivamente que as vivências destas pessoas haviam sofrido alguma alteração temporária.

Enquanto terminava de "montar" a instalação com a ajuda de meus colegas, não pude deixar de pensar o quão importante e pouquíssimo abordadas no curso são estas situações em que se trata da realidade da cidade. Fala-se da cidade, mas parece que ela é evitada; buscam-se respostas, mas as perguntas são esquecidas. Esta instalação não tem sua importância apenas como um ensaio de trabalho de conclusão de curso, penso que sua maior contribuição reside em sua abertura para que as pessoas possam fazer perguntas, indagações sobre os processos, práticas e fazeres que acontecem no espaço da cidade - o tema deste trabalho está aí - e, gerando questionamentos e inquietações acerca de suas vivências, o objetivo maior parece ser alcançado - melhorar de alguma forma a qualidade de vida das pessoas.

Discutir arquitetura parece ser cada vez mais uma atividade aberta a diferentes interpretações sobre qual é o seu papel e do que a disciplina realmente trata. Quando escrevo este texto, após toda a bagagem de reflexões que o trabalho de conclusão de curso me trouxe, tenho a forte impressão de que os contornos do que define a profissão que escolhi - e de seu papel na sociedade - estão cada vez mais diluídos. Aquilo que um dia foi (se é que realmente foi) bem definido se esmaece, permitindo interpretações que se cruzam entre distintos campos de atuação (o cinema - tratado neste trabalho - mas também a literatura, a música, os quartrons, e assim por diante) e diferentes abordagens profissionais.

Embora estes limites que tornam a arquitetura possam estar diluídos com limites de outros campos, ainda há, penso, algumas questões fundamentais da disciplina que não estão menos presentes nesses cruzamentos: lidar com o espaço; e lidar com o espaço da cidade. São justamente as maneiras de se fazer isso que parecem mais abrangentes.

O ensaio proposto para os arredores da Alfândega, por exemplo, lida com estes dois pontos e incorpora ainda algumas noções presentes no cinema e na arte pública relacional. A efemeridade do evento e a utilização de projeções de tempos distintos (registros e tempo real) abordam duplamente a questão do tempo na arquitetura, fundamental ao cinema e nem sempre tratada com a merecida atenção pelos arquitetos, enquanto que a proposta de uma espacialidade composta por elementos físicos e imateriais propicia interpretações variadas daquelas que nela imergem e com ela se relacionam.

O esmaecimento dos contornos da arquitetura não apresenta, penso, um problema ou um enfraquecimento da disciplina, ao contrário, parecem fortalecer algumas questões que são, acredito, essenciais a ela (o espaço, a cidade, e as relações destes com as pessoas) quando abordadas em conjunto com outras áreas de atuação, campos, linhas de pensamento, etc. Logo, o tom que acompanha a conclusão deste TCC é otimista, assim como fora todo o seu processo.

arquitetura e depois

os espaços



ensaio #3 espaços intersticiais

Este ensaio é a concretização daquilo que se experimentou nas montagens foto-videográficas do ensaio #02. Escolheu-se a Rua Conselheiro Mafra, na altura do edifício da Alfândega, como lugar para a concretização do ensaio. E esta opção não foi aleatória, evidentemente.

Durante os momentos de registros do cotidiano, percebeu-se que esta rua apresenta uma enorme movimentação de pessoas graças aos comércios populares que nela estão instalados e à presença da feira, ao lado do edifício da Alfândega. A dinâmica desta rua é, portanto, bastante acentuada, sobretudo nos inícios da manhã e no final da tarde - em função da chegada e saída dos serviços. Em um trabalho que trata do cotidiano das pessoas e da cidade, nada mais intuitivo que optar por um lugar por onde um grande número de pessoas transita e permanece.

A intervenção não se coloca por acaso ao lado do edifício da Alfândega. Além de ser, hoje em dia, um dos lugares mais movimentados do centro, por onde passam e onde permanecem pessoas de diversos grupos, este prédio é um ícone vivo presente na memória da cidade e de grande parte das pessoas que aí vivem.

Outro motivo que me levou a escolher este ponto da Conselheiro Mafra também está relacionado com os registros capturados: mesmo sem intenção prévia, este foi o local onde mais vezes estive com minha câmera capturando fragmentos da cidade. A dinâmica do lugar e a enorme variedade de coisas que ali acontecem - a feira, as lojas, o largo, eventuais manifestações, etc. - freqüentemente me traziam a este ponto.

Ainda outro motivo me inclinou a escolher este pequeno trecho como lugar da minha intervenção: como pretendo realizar o ensaio no final da tarde - no momento em que as pessoas estão saindo do trabalho e há, conseqüentemente, um aumento na quantidade de gente nas ruas - este lugar mais uma vez se mostra bastante adequado à situação, visto que, além das pessoas que ali trabalham e estarão voltando para suas casas, este local faz parte do trajeto entre o terminal do centro (TICEN) e o antigo terminal (Terminal Cidade de Florianópolis), o que aumenta ainda mais a quantidade de pessoas que por ali estarão passando.

O ensaio consiste em criar uma situação na qual os registros do cotidiano capturados neste trabalho possam ser expostos e compartilhados com as pessoas que vivem o centro da cidade. Para isso, faz-se uso de projeções na parede do prédio da alfândega e, simultaneamente, em planos de tecido que estarão dispostos de forma a criar um ambiente temporário - evento - que possa ser percorrido, experienciado, em suma, vivenciado pelos cidadãos.

Este experimento combina o meio imagético e o meio tridimensional em uma instalação na qual as pessoas podem imergir e entrar em contato com seu próprio cotidiano visto por um outro. Mais uma vez a idéia de um interstício social aparece, visto que esta combinação de planos e imagens em movimento pode vir a potencializar as relações entre as pessoas e delas com a cidade - física e imaterial. Experienciando o evento criado a partir da instalação, os cidadãos são colocados na posição de criadores de sentido de tudo isso. As interpretações são potencialmente infinitas.

Com a efemeridade e a surpresa do evento, busca-se criar o efeito esbarão. Uma situação não convencional na cidade cujo objetivo é, através da exposição do cotidiano das pessoas, propiciar a estas mesmas que se vejam e, além disso, vejam as qualidades - e desigualdades - dos seus cotidianos. Ver aquilo que normalmente passa despercebido pode desencadear reações diversas nas pessoas, cuja única certeza é que algo nelas foi tocado. Mesmo que momentaneamente.

Retomando a frase de Carteau, na qual ele diz que os cidadãos "obedecem às regras de um 'texto' urbano que eles mesmo escrevem sem poder lê-lo", encontramos o motivo de ser deste ensaio (de também dos outros). Não se pretende nada além de incitar nas pessoas interpretações sobre as suas vidas, seus cotidianos e suas relações com a cidade. Tendo a oportunidade de "ler" esse texto urbano, ou, perceber as diferentes cidades na cidade, há chances de termos alcançado o objetivo maior de todo este trabalho: melhorar a qualidade de vida das pessoas.



Maquete de estudos da instalação. Adjacente ao prédio da Alfândega fica a cabine dentro da qual passarão projeções sobre o cotidiano da cidade. Os elementos em "L" são telas que recebem projeções e através das quais as pessoas podem passar.

processo de construção da instalação

